

## VESTINDO MÁSCARAS, CONSTRUINDO CORPOS: INCURSÕES PELO CARNAVAL DE VENEZA<sup>1</sup>

Vitor Hugo Marani<sup>2</sup>  
Larissa Michelle Lara<sup>3</sup>

### RESUMO

*Esta investigação objetiva apresentar reflexões acerca de como foliões trajados tradicionalmente no carnaval de Veneza concebem a máscara e como a relação corpo-máscara é construída no tempo-espaço da festa. O desenvolvimento dessa temática materializa-se com a imersão no cotidiano veneziano e nas festividades carnavalescas, nas quais o costume de adornar-se com máscaras e fantasias compõe o cenário da festa. Observações e entrevistas foram os instrumentos realizados nessa pesquisa, a qual contou com a participação de cinco foliões trajados tradicionalmente em locais públicos da cidade de Veneza, no ano de 2013. Os dados apontam para a dialética entre corpo e máscara: ora essa relação se expressa pela busca de experiências que correspondam à máscara em seu sentido tradicional, relacionadas à liberdade, à dimensão lúdica, à construção estética como via para se alcançar o protagonismo na festa e à representação teatral; ora ela ocorre a partir da lógica “máscara produto”, pautada na construção de subjetividades padronizadas estabelecidas pela própria festa e na subordinação aos moldes comerciais.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *corpo; máscara; carnaval.*

### INTRODUÇÃO

A investigação proposta neste texto revela inquietações acerca do corpo, da máscara e suas representações junto a foliões tradicionais que compõem o carnaval italiano de Veneza, que ocorre entre os meses de fevereiro e março de cada ano, até a Quarta-feira de Cinzas. A eles é atribuída a função de significar e (re)significar a máscara, trajando-a como parte do corpo e dando-lhe “movimento” no cenário festivo, fato que traduz a constituição da relação

<sup>1</sup>O presente trabalho contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e está vinculado ao Projeto de Pesquisa intitulado “Abordagens socioculturais em educação física”.

<sup>2</sup> Estudante em nível de mestrado do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL – Bolsista CAPES - Integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (DEF-UEM-CNPq).

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Docente do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL – Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (DEF-UEM-CNPq). Bolsista Produtividade Fundação Araucária-PR.

entre a máscara e o corpo, o que culmina, por vezes, na transposição da vida corrente rumo à imaginária e no jogo de vivências corporais, transpondo formas racionais ligadas ao intelecto e ao lógico, em direção à razão sensível e expressiva, dialética presente no tempo-espaço carnavalesco.

O interesse por esse desenvolvimento temático deu-se a partir de imersões na cidade de Veneza, no período carnavalesco, sobretudo em meio às motivações que conduziam à necessidade de conhecer o festejo que atribui nova silhueta à cidade. O percurso realizado até a Praça de São Marcos, antes composto por olhares direcionados aos pontos turísticos venezianos, naquela ocasião ganhava nova composição: indivíduos com máscaras e em grande parte fantasiados tomavam conta das ruelas, o que evocava novas cores e brilho ao cenário. A passagem por essas personagens dava-se juntamente à circulação dos turistas, o que acabava por mesclar o corrente à fantasia, gerando novas experiências aos que viviam o decoro composto pela festa, e àqueles que, ao observarem e fotografarem, deslumbravam composições estéticas propostas pelo carnaval.

É no carnaval veneziano, palco dessa pesquisa, que corpos fazem da máscara adereço para brincar nas ruelas e praças da cidade, atribuindo nova composição ao cenário nostálgico da cidade. Daí entendermos a reflexão sobre a máscara e o corpo, com recorte para o Carnaval de Veneza, como integrante de anseios investigativos atuais, uma vez que, mesmo em face das transformações ocorridas na dinâmica do carnaval veneziano contemporâneo em relação ao seu surgimento no século XIII, o costume de adornar-se com máscaras e fantasias encontra-se ainda em evidência durante o período festivo.

É possível perceber que a busca por momentos que transcendam a vida corrente ganha corpo desde o surgimento das festas venezianas, em especial por meio do uso da máscara e, ainda hoje, aparecem de forma evidente. Segundo Burke (2002), a utilização de máscaras e fantasias pelos foliões é descrita como componente da festa a partir do século XVI, em que comumente eram empregadas máscaras da *Commedia dell'arte*, bem como de sujeitos da sociedade, como reis, camponeses e outros. Além da fantasia, constantemente havia representação e interpretação dos papéis designados por cada máscara, o que surpreendia os viajantes estrangeiros.

Daí pensar a interlocução entre máscara e corpo, entendendo a máscara como forma de expressão dos sujeitos venezianos em meio ao carnaval italiano local, o que lhe permite

transitar entre diversas personalidades, gestos e expressões corporais. Logo, o corpo é entendido, com base nos estudos de Lara (2011), numa perspectiva holística, como expressão das ações humanas, representação dos desejos, anseios e concretizações. Para a autora, o corpo é circunscrito em meio à multiplicidade e diversidade, que mesmo em meio ao coletivo, faz com que sua singularidade se sobressaia a partir de construções culturais. No que se refere à máscara, Bakhtin (2010) discorre sobre seu potencial em aproximar e estabelecer atmosfera amistosa entre aqueles inscritos no tempo-espaço carnavalesco. Antes de se ter o rosto escondido, tem-se uma personalidade a ser revelada ludicamente. O autor a elege como uma das formas e símbolos da linguagem do carnaval, o que representa alternância e renovação, capaz de realizar o jogo da revelação, dos avessos e das permutas constantes.

A partir dessas inquietações, o texto em questão visa apresentar reflexões acerca de como foliões trajados tradicionalmente no carnaval de Veneza concebem a máscara e como a relação corpo-máscara é construída no tempo-espaço da festa. A partir dos caminhos investigativos decorrem dados que indicam como se constroem os elos entre corpo e máscara nesse carnaval, os quais contribuem com reflexões acerca da construção do corpo brincante carnavalesco.

## ENTRE CORPOS, MÁSCARAS E REPRESENTAÇÕES

A pesquisa deu-se a partir da imersão de um dos pesquisadores em Veneza durante o carnaval de 2013, o que abriu possibilidades de observações registradas em diário de campo, bem como entrevistas em língua italiana com cinco foliões, três homens e duas mulheres, que se utilizavam de máscaras e fantasias durante a permanência nos locais públicos da cidade, os quais foram escolhidos de forma aleatória a partir de critérios mínimos de seleção, como estar completamente trajado com máscara e vestimenta que fizessem referência à tradição carnavalesca veneziana; comunicar-se em italiano; participar da festa, no mínimo, pela segunda vez; e, por fim, ter disponibilidade para as entrevistas em meio ao carnaval.

Entrevistas foram gravadas na Praça de São Marcos – local onde as pessoas se reúnem para festejar o carnaval – e as perguntas realizadas aos participantes diziam respeito: a) ao significado da máscara utilizada por eles; b) às motivações que os levaram a vestir a máscara; c) às sensações evocadas a partir de seu uso. Durante a entrevista, interrupções foram feitas somente quando necessárias no intuito de valorizar as informações advindas dos

entrevistados. As transcrições das entrevistas foram realizadas após a coleta de dados, momento em que os foliões entrevistados receberam codificações a partir do uso da letra “F”, numerados de F1 a F5, respeitando-se as questões éticas do estudo.

Os foliões entrevistados contribuíram, a partir de seus depoimentos, com o entendimento de como se dá a relação entre corpo e máscara, apresentando aspectos que diziam respeito a essa analogia. Quando questionados acerca das motivações que os levaram a vestir a máscara, eram enfáticos em relação à ideia de que seu uso representava um modo de liberdade e, de certo modo, de ruptura, como exemplifica o relato de um entrevistado: “A máscara é um modo de sentir-se livre; para estarmos juntos e viver a liberdade; é um modo diversificado de se liberar de todos os problemas, e eu vivo assim esse Carnaval” (F1).

Vestir a máscara durante o período carnavalesco, para eles, corresponde ao ato de entregar-se às vontades e desejos, nem sempre possíveis quando estavam com o rosto à mostra, faltando-lhes coragem por conta da insegurança, timidez ou vergonha. Nos dizeres de Caillois (1990), a máscara, por assegurar o anonimato, abriga e protege, fato que dispõe ao sujeito que faz seu uso, liberdade ostensiva dos constrangimentos advindos da sociedade, representando o meio de transgredir os próprios limites. Isso indica que as máscaras vingam-se do decoro e da contenção obedecidos ao longo do ano e tudo que há de ordenado no mundo é passageiramente abolido para surgir revitalizado.

A máscara pode ser vista como possível forma de alcançar esse fim, numa busca constante, para alguns, da transgressão da repressão social, mesmo que de forma tênue, uma vez que, antes de se pensar na máscara é necessário recordar que o sujeito, ao dar vida a ela, tem consciência das possibilidades de ações permissíveis em meio ao convívio social. Tal fato pode ser entendido a partir das contribuições de Freire (2005), ao recordar que, os sujeitos, mesmo quando imersos no ambiente lúdico, mantêm certa lucidez, o que permite o desenvolvimento da imaginação, bem como o afrontamento com as barreiras do mundo real.

Ela também se revela como jogo, haja vista que possibilita ao folião expressar-se na transgressão dos limites do mundo adulto, no campo coletivo e marcado por elementos lúdicos, como revela o relato de F2:

O significado da máscara para mim é fundamentalmente um jogo. Te permite fazer, talvez, tudo aquilo que não pode como adulto, e por ocasião do Carnaval, todos podem jogar juntos, divertindo-se, uma alegria de cores. Ser aquilo que não pode ser durante o resto do ano. (F2)

Nesse sentido, o ato de vestir as máscaras pode ser compreendido a partir de uma dinâmica que lhe é própria, pensado a partir da definição de jogo cunhada por Caillois (1990), pautada na ideia de atividade livre e voluntária; regulamentada ou fictícia; fonte de alegria e divertimento; ocupação separada do resto da existência; delimitação de um tempo e espaço próprios; incerteza do resultado final; e, por fim, atividade improdutiva. Trata-se de uma manifestação lúdica que tem por intuito simular aspectos da vida social, o que pode ser interpretado, na visão do estudioso, como vida paralela, como opção além da vida principal.

Para além da definição de jogo cunhada pelo autor, a classificação dos jogos idealizada a partir do “estado de espírito” daquele que joga, auxilia na compreensão da máscara como elemento lúdico no carnaval, principalmente a categoria *Mimicry*, que remete à representação, o que substitui as regras pelo sentimento do “*como se*” e desempenha, ao final, a mesma função. Caillois (1990) explica que o prazer vislumbrado pelo homem ao disfarçar-se, travestir-se ou usar uma máscara ocorre como réplica do mimetismo selvagem, ou seja, como forma de “mudar a aparência de quem usa e meter medo aos outros” (CAILLOIS, 1990, p. 40).

Outra característica que evidencia a relação entre a tipologia *Mimicry* e o costume de adornar-se com a máscara diz respeito à invenção constante, atribuída tanto àqueles que representam em meio ao cenário festivo, quanto aos espectadores que aceitam à ilusão proposta. Ao primeiro, Caillois (1990) discorre acerca da necessidade em fascinar quem lhe assiste, no intuito de que o espectador não recuse o papel interpretado pelo mascarado. O fascínio almejado pelo jogador apresenta-se, para os sujeitos entrevistados, como composição estética na condição de personagem principal da festa. As evidências, por meio das entrevistas, demonstram a preparação dos sujeitos na construção da máscara e da vestimenta para que o carnaval seja palco de momentos de fotografia, filmagens e representação constante, como afirma F4: “A máscara para mim é um espetáculo. Sem ela tenho vergonha de ser fotografada”.

A máscara pode conter em si representações da arte teatral, como observado em Veneza, momento em que muitas máscaras estavam acompanhadas dos indumentos completos de dado personagem da *Commedia dell’Arte* – teatro popular improvisado, desenvolvido na Itália no século XV – como o *Medico de la Peste*, a *Bauta*, o *Arlecchino*, o





*Pantalone* e o *Brighella*, o que remete à ideia de que os sujeitos que se utilizam do traje completo respeitam o jogo e encarnam a figura dramática. Alguns, por exemplo, recusam-se a estabelecer diálogo com os turistas e, geralmente, fazem uso dos monumentos da praça para comporem a paisagem, o que reforça uma construção estética peculiar, a exemplo do folião que se utiliza do pombo para compor a cena e do folião que se utiliza das portas e escadarias do Palácio Ducal para seu jogo cênico.

Tais experiências, recorrentes do tempo-espço carnavalesco, remetem à oposição entre o convencional e o permissivo, o lógico e o sensível tanto para os que estão com a máscara, quanto para os que assistem à cena. Para Bracht (2003), ao traçar considerações entre o jogo e a ludicidade, transitar entre o lógico e sensível conota negação da coisificação humana, própria da racionalidade científica; é o momento em que o humano afirma-se como tal e salienta características desejáveis, como liberdade, prazer e criatividade. A dialética, segundo o autor, paira na questão central que envolve o universo lúdico: abarcar o mundo da sensibilidade ao mundo da razão, o que poderá aflorar relação de equilíbrio entre essas dimensões.

A máscara, para os foliões participantes da pesquisa, sugere campo fértil para se pensar em aspectos relacionados à liberdade, à dimensão lúdica, à construção estética como via para se alcançar o protagonismo na festa e à representação teatral. Entretanto, a máscara também indica outras reflexões, postas a partir das observações realizadas junto ao cotidiano festivo, bem como pela leitura de autores contemporâneos que elegem o carnaval veneziano e a máscara tradicional como temáticas investigativas. Embora os foliões não tenham apontado a máscara como forma de consumo em meio ao turismo da cidade, esse tema é recorrente em literatura que versa sobre o tema, bem como integra as observações realizadas pelos pesquisadores durante a estada em Veneza.

Reato (1998) traz apontamentos que sinalizam para o uso da máscara no campo do consumo, afirmando que, hoje, o costume de adornar-se com máscaras encontra-se bem distante daquele que compunha os anos de 1700, no Carnaval veneziano, principalmente no que diz respeito ao clima festivo e de divertimento. O autor relata que, atualmente, transitar trajado pela cidade remete mais ao espírito de obediência aos modelos ditados pela sociedade consumista do que simplesmente ao ato de liberar a personalidade. Ainda, relata que a máscara não finda com as hierarquias e comumente acarreta competição exibicionista com o

objetivo de surpreender, o que reforça a distância social entre os foliões. A crítica amplia-se para a questão cultural, na qual Reato (1998) visualiza, a partir da *mass-media*, a uniformização da cultura tradicional, o que torna o folclore local homogêneo, sem identidade e consciência.

Ao partirmos dessa perspectiva, ou seja, do uso da máscara em seu caráter exibicionista, de competição e uniformização, precisamos ter claro que sua materialidade dá-se em meio a uma sociedade de repressão. Assim, é mister pensar o carnaval como inserido na lógica da reprodução de mecanismos para atender às necessidades criadas na sociedade de consumo em meio a processos que circundam a ação produtiva, bem como forma superficial de alívio das tensões cotidianas.

Os foliões, imersos no tempo-espaço carnavalesco, como em qualquer âmbito social, produzem expectativas de vidas paralelas, fazendo-se crer que, ali, poderão estar livres das amarras produzidas pelos processos de repressão social. Logo, o carnaval de Veneza, como ato da representação no tempo-espaço do jogo ocorre, apropriando-se das construções de Marcuse (1982), em meio a subjetividades padronizadas que almejam alcançar estereótipos conjugados pelo mundo das normas e das regras.

O corpo que brinca o carnaval veneziano manifesta-se a partir de diversas formas, resultado da relação estabelecida entre folião e máscara, o que gera novas experiências estéticas, a exemplo do jogo de personalidades (viver o que não podem viver em seu cotidiano, fantasiar, criar) que permite ao sujeito entreter e representar a partir do seu imaginário, premissa para constituição do sujeito como personagem principal da festa na cidade. A máscara, posta como adereço principal para as vivências carnavalescas, traduz alternativa à vida cotidiana, resultado da própria lógica das festas carnavalescas. Por isso, ela seduz os corpos inseridos nesse tempo-espaço, o que torna possível pensá-la como manifestação lúdica, ligada à representação e à mímica, capaz de estabelecer possíveis vias de reconciliação entre a dimensão sensível e a lógica dos brincantes, bem como gerar tensões com a racionalidade instrumental à medida que a nega e a assimila.

Por outro lado, outros olhares sobre corpo e máscara podem ser estabelecidos e emergem como essenciais ao diálogo, o que possibilita a visualização de aspectos que transpõem a ótica daqueles que brincam o carnaval da cidade. A construção de subjetividades padronizadas estabelecidas pela própria festa e sua subordinação aos moldes comerciais

aparece como uma das discussões contemporâneas, evidenciada a partir de observações feitas do cotidiano festivo, o que demonstra consumos uniformizados, instaurados pela venda de máscaras que não dizem respeito à produção manufatureira dos artesãos venezianos. Por outro lado, o acesso à cultura industrial acaba sendo a via mais acessível, financeiramente falando, de obtenção da máscara, haja vista que o trabalho artesanal valoriza-se como produto artístico.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação de reflexões acerca de como foliões trajados tradicionalmente no carnaval de Veneza concebem a máscara e como a relação corpo-máscara é construída no tempo-espço da festa foi edificada a partir das evidências empíricas advindas das observações realizadas no cotidiano da festa, complementadas com as falas dos sujeitos brincantes. A partir daí, desdobramentos tornaram-se possíveis, evidenciando-se campo fértil para se pensar como o corpo expressa-se no contexto carnavalesco, principalmente em festas nas quais a máscara aparece como condição para o festejo.

Tal anseio investigativo possibilitou identificar a máscara como elemento multifacetário para os foliões que a utilizam para brincar o carnaval veneziano. Nesse sentido, o corpo, inserido no contexto do carnaval veneziano, assume expressões evocadas, principalmente, por meio do uso da máscara. Por meio dela, foliões representam, interpretam e vivem papéis que não se encontram relacionados à vida cotidiana, bem como se revelam de forma lúdica, hedonista a partir de representações teatrais, capaz de evocar um brincar de corpos por meio do entretenimento, da sedução e da representação.

Embora cheguemos a essas constatações, outras reflexões acerca da máscara são possíveis, mesmo que não tenham surgido, necessariamente, das entrevistas realizadas com os sujeitos do estudo. Daí constatarmos que a máscara também ocupa papel comercial na cidade, repleta de significados relacionados ao vendável na dimensão turística que vê na máscara o potencial de consumo, aliado a outros ingredientes dessa lógica mercadológica. Logo, máscaras acabam por serem fabricadas de forma padronizada para atender a demandas industriais, constituindo-se como experiências uniformizadas exigidas por conta do contexto festivo. Tal constatação evidencia o modo como mecanismos são criados com vistas a diluir a



tradição veneziana, corroborando com processos que culminem com o atendimento aos interesses lucrativos forjados a partir da tradição da cidade.

Todavia, os dados apontaram para o jogo de tensões construído pela divergência de informações entre as falas dos foliões entrevistados e a literatura clássica com as leituras realizadas de autores contemporâneos. Se por um lado a máscara representa experiências alheias ao corrente, por outro, está atrelada a interesses comerciais e lucrativos. Daí, a necessidade de se refletir acerca de como as experiências corpóreas dos foliões no carnaval italiano de Veneza são orientadas pelos aspectos de transposição do cotidiano e de enraizamento consumista, o que possibilita entender as diferentes dimensões orientadoras das relações entre corpo e máscara.

Por fim, avaliamos que a investigação possibilitou o aporte necessário para se entender a dialética entre corpo e máscara: ora essa relação se expressa pela busca de experiências que correspondam à máscara em seu sentido tradicional; ora ela ocorre a partir da lógica “máscara produto”. Tais configurações não se dão desprovidas das tensões constitutivas entre sensível e racional, normativo e transgressivo, lúdico e disciplinado, o que abre espaços para que os sujeitos, na condição de protagonistas, possam buscar a mediação orientadora das suas práticas corporais, transcendendo a racionalidade posta como instrumental rumo à construção de outra racionalidade, pautada pela consciência de seu papel na festa, dos riscos da entrega desmedida ao prazer e ao consumo e da possibilidade de constituir-se como um sujeito de escolhas.

#### ABSTRACT

*This research aimed to present reflections about how traditionally costumed revelers at the Venice Carnival conceive mask and how the relationship of mask-body is built on the time-space of the party. The development of this theme is materialized through immersion in the everyday at Venetian carnival festivities. Observations and interviews were the instruments played in this research, which was attended five revelers dressed traditionally in public places of the city. The data point to the dialectic between body and mask: now this relationship is expressed by the search for experiences that match the mask in its traditional; sometimes it occurs from logic "mask product", based on the construction of subjectivities standard established by the party itself and in subordination to commercial manner.*

**KEYWORDS:** *body; mask; carnival.*



## RESUMEN

*Esta investigación trató de presentar reflexiones de cómo disfrazados tradicionalmente en el Carnaval de Venecia conciben la máscara y la relación cuerpo-máscara se construye en el espacio-tiempo de la fiesta. El desarrollo de este tema se materializa a través de la inmersión en la vida cotidiana y las fiestas de carnaval de Venecia. Observaciones y entrevistas fueron los instrumentos tocados, a la que asistieron cinco jueguistas vestidos tradicionalmente en lugares públicos de la ciudad. Los datos apuntan a la dialéctica entre el cuerpo y la máscara: ahora esta relación se expresa por la búsqueda de experiencias que coinciden con la máscara en su tradicional; a veces se produce a partir de la lógica "el producto de mascarilla".*

*PALABRAS CLAVES: cuerpo; máscara; carnaval.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTINM, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Trad. Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2010.

BURKE, P. O carnaval de Veneza. In: CUNHA, M. C. P. (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas.** Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

BRACHT, V. Educação Física escolar e lazer. In: Christiane Luce Gomes Werneck; Hélder Ferreira Isayama. (Orgs.). **Lazer, recreação e educação física.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem.** Tradução de José Garcez Palha. Lisboa: Cotovia, 1990.

FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

LARA, L. M. **Corpo, sentido ético-estético e cultura popular.** Maringá: Eduem, 2011.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial.** 6 ed. Trad. G. Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

REATO, D. **Venezia: una città in maschera.** Fillipi Editore Venezia, 1998.

Vitor Hugo Marani  
Universidade Estadual de Maringá  
Avenida Colombo, 5790, Bloco 06, sala 12  
Jardim Universitário – Maringá - Paraná - Brasil  
CEP 87020-900  
Endereço Eletrônico: vitormarani@hotmail.com